

A ESCRITA COMO CRIAÇÃO: O SUJEITO AUTOR E O OBJETO DE SEU TEXTO¹

Simone Moschen RICKES
(UFRGS)

As idéias que compõem este trabalho derivam da dissertação intitulada *Autoria e Produção Textual – um estudo sobre a escrita que tematiza a clínica* (Rickes, 1998). Este artigo traz para discussão algumas questões concernentes à relação entre o sujeito autor e aquilo que constitui como objeto de seu texto quando este tematiza uma experiência. Como os interrogantes aqui expostos derivam diretamente do trabalho desenvolvido em referida dissertação, torna-se relevante situar o leitor no contexto em que ela se desenrola. Vamos às circunstâncias...

Do trabalho de acompanhamento do estágio de Psicologia Clínica na Clínica de Atendimento Psicológico da UFRGS, derivam questionamentos constantes acerca do papel da escrita na formação dos alunos, pois se percebe no cotidiano da clínica que o exercício da escrita pode ser um momento profícuo de reflexão, onde é possível àquele que escreve tematizar seu fazer, tomando dele certa distância ao transformá-lo em alvo de questionamentos. Assim, o momento de elaboração do trabalho final de

¹ Este artigo constitui uma versão ampliada do trabalho *A escrita como criação*, apresentado no 9º InPLA, realizado em maio de 1999 pela PUC de São Paulo.

estágio, onde se requer do aluno que, à luz da teoria, examine uma questão que sua prática clínica lhe suscitou, não se restringe a uma explicitação, sob a forma escrita, daquilo que o estagiário conseguiu elaborar conceitualmente nesse percurso de prática, mas é ele mesmo um momento de construção de conhecimento.

É na perspectiva da construção de conhecimento que esse momento de elaboração do trabalho final se inscreve. Seu objetivo é propiciar uma reflexão acerca da experiência clínica, permitindo que os alunos transformem sua prática em objeto de pesquisa, utilizando-se, para isso, da escrita como uma ferramenta do pensamento. Isso por que, mesmo se tratando de uma escrita que contempla conhecimentos já construídos e consolidados na história do pensamento, a sua apropriação individual deve ser encarada como uma produção, pois o estagiário precisará reconstruir aquilo que outro já o fez. Se o processo de construção individual daquilo que se encontra no coletivo fracassa, o estagiário se torna um ventríloquo de outros autores: pronuncia um discurso que não é seu.

Para além das problematizações que o momento mesmo de escrita encerra, encontramos, no que concerne aos textos aqui examinados, com os interrogantes que emergem do objeto sobre o qual eles se debruçam. Trata-se de uma escrita sobre o fazer clínico e sabemos, os que temos contato com a clínica, o quanto esta implica de forma radical aquele que a suporta. Nesse sentido, observamos que escrever sobre a experiência de escuta só é possível se nos inscrevemos nela, se permitimos expor o lugar desde o qual escutamos cada paciente e o que, das questões que

ele traz, nos diz respeito.

Como então pensar a escrita acadêmica, tão fortemente formatada, como referem os alunos entrevistados, quando se trata de dar mostras de um estilo pessoal que resiste a tal formatação? Como compor o paradoxo que pode ter lugar quando se quer conjugar estilo e formatações pré-estabelecidas? E do lado daquele que se responsabiliza pela condução desse percurso, como tomar a transmissão num campo onde a ênfase não está em um saber uniformizado, mas, sim, na construção, sempre singular, de alternativas a uma dada situação?

A radicalidade da singularidade presente na experiência clínica se faz ver se pensamos que se, por um lado, a elaboração teórica permitiu que a psicanálise instrumentalizasse os psicanalistas com referências capazes de guiá-los na escuta de seus pacientes, por outro, nada construiu acerca das intervenções possíveis com um dado paciente. Embora Édipo e Castração sejam marcos importantes para se ter em conta ao pensar um caso, tanto no que diz respeito ao diagnóstico quanto aos deslizamentos que vão se processando durante o atendimento, não é desde eles que o analista fala, nem a eles que procurará ouvir em cada vírgula pronunciada pelo paciente. A clínica exige, daquele que dela se ocupa, que se mova num certo movimento pendular que vai daquilo que pôde construir teoricamente à necessidade de, no momento mesmo de seu fazer, produzir um certo apagamento da teoria para deixar falar, ao invés dela, o paciente. Tal movimento é a única forma de deixar emergir o novo, o surpreendente, o até então não pensado.

Diante desse contexto não deixam de insistir questões. Como pensar o lugar daqueles que se iniciam nessa prática? Ou ainda, diante da relevância da singularidade de cada caso, assim como da subjetividade do clínico, como pensar a transmissão possível dessa experiência? Como introduzir os estagiários nesse campo? Teria aí a escrita algum papel? Como pensá-la quando seu objeto é a clínica?

O trabalho com as questões acima enunciadas levou a uma interrogação acerca dos elementos constituintes da função autor quando esta se atualiza na escrita de textos que tematizam a clínica. No presente trabalho, examinaremos um destes elementos – o objeto do texto – em sua relação com o sujeito autor e em sua forma de inscrição no espaço virtual de construção do texto.

Iniciemos por pensar este termo: “espaço de construção do texto”. Observa-se, no relato dos estagiários, que a elaboração do texto requer a presença de alguns elementos que constituem o que chamei de “espaço” em que uma produção escrita pode se dar, uma autoria pode se constituir. Espaço no sentido de um lugar virtual, algo que ainda não se encontra atualizado, mas que, através de algumas operações, poderá se inscrever, constituindo-se no berço que sustentará a escrita. Virtual tem aqui o sentido que lhe dá Pierre Lévy: “a palavra virtual vem do latim medieval *virtualis* derivado por sua vez de *virtus*, força, potência. Na filosofia clássica é virtual o que existe em potência e não em ato. O virtual tende a atualizar-se, sem ter passado no entanto à concretização efetiva ou formal. A árvore está virtualmente presente na semente. Em termos rigorosamente filosóficos, o

virtual não se opõe ao real mas ao atual: virtualidade e atualidade são apenas duas maneiras de ser diferentes” (1996: 15). É como um espaço de criação de novas possibilidades, um espaço que se encontra latente mas que, ao se atualizar, é capaz de produzir uma solução sempre nova ao problema da escrita e do seu sentido, que proponho pensarmos isso que estou chamando de espaço de construção do texto. Tal proposta quer se contrapor à idéia de um espaço que, ao invés de produzir uma abertura a possíveis, se restringisse à idéia de um lugar de inscrição para uma representação já elaborada mentalmente e que só aguardaria lugar para se articular sob a forma de um escrito. Isso acabaria por situar a escrita como simples transposição da representação do plano mental para o papel e não como um processo de criação de novas possibilidades representativas.

Mas adentremos um pouco mais a constituição desse sujeito autor. Se iniciamos por examinar a situação de produção de um texto, logo se fazem presentes três elementos: o sujeito empírico, aquele que empunha a caneta; o leitor empírico, aquele que nomeadamente lerá o texto; e o fato, aquele sobre o qual se debruçará o escritor. São portanto três elementos substancialmente localizáveis. Porém, não serão exatamente eles que interagirão na construção do escrito, embora suas presenças sejam fundamentais. Isso porque, em primeiro lugar, o escritor empírico, o leitor empírico e o fato são categorias que só adquirem operatividade na medida em que podem subjetivar-se através de operações de transformação, adentrando um espaço virtual onde se estabelecerão as relações necessárias à construção de um texto por um sujeito autor. Mas expliquemos

melhor isso...

No âmbito deste trabalho, nos deteremos no exame das operações que o sujeito exerce sobre o fato empírico que pretende transformar em objeto de seu texto, situando assim nossa atenção nas resultantes dessas operações: tanto sobre o próprio fato quanto sobre o sujeito. Interroguemos, então, a experiência clínica, aquela que se pede seja tematizada para dar origem ao trabalho final de estágio.

O processo de tematização da experiência clínica, de reflexão acerca do vivido, toma como suporte um fato, mas o faz ingressar em outro patamar quando, ao recortá-lo do conjunto de fatos, torna-o objeto do texto, onde será pensado a partir do estabelecimento de relações, seja com outros fatos que não se sucederam necessariamente ao mesmo tempo nem no mesmo espaço, seja com formulações teóricas acerca do tema ou com modelos de compreensão do assunto. No plano da reflexão, é possível desmembrar um fato, relacioná-lo a outros, iniciar tomando-o pelo seu desfecho ou ainda concluir com a sua origem. Ali os fatos ganham uma mobilidade e uma velocidade que não têm na ação. Sobre isso, Piaget nos fala em vários momentos de sua obra. Na sua proposição da teoria da abstração reflexionante, por exemplo, vemos contempladas as mudanças que a troca de patamar – da ação à representação – implicam. Ali Piaget propõe basicamente duas formas de interação com o objeto de que resulta construção de conhecimento: de um lado, a abstração empírica² e, de

²A abstração empírica se apoia sobre os objetos físicos, deles retirando as características que lhes são próprias.

outro, a abstração reflexionante, que nos interessa.

A abstração reflexionante trabalha não sobre os observáveis, mas sobre as ações do sujeito sobre os objetos. Ela incide nas coordenações das ações, lançando, por reflexionamento, ditas coordenações a um patamar superior da espiral de construção do conhecimento e exigindo, então, uma reconstrução, uma reorganização mental, por reflexão, do que foi no novo patamar projetado. Isso implica uma maior possibilidade de interação com os objetos – o que no nosso caso pode ser descrito como uma maior possibilidade de construir conceituações. A abstração reflexionante é, então, resultado de um processo “em espiral: todo reflexionamento de conteúdos (observáveis) supõe a intervenção de uma forma (reflexão), e os conteúdos assim transferidos exigem a construção de novas formas devido à reflexão” (Piaget, 1977: 276). Podemos dizer, então, que, do ponto de vista cognitivo, tomar um fato como objeto de reflexão em um texto implica incidir sobre ele uma operação que o lance a um outro patamar em que é possível estabelecer outras operatividades sobre o mesmo – da prática clínica à conceituação – o que exige uma reconstrução do próprio fato/objeto – agora descolado de sua realidade empírica – assim como do sujeito em questão.

Sobre isso fala uma estagiária entrevistada: “Eu acho que isso – a escrita – ajudou bastante, para mim pelo menos, quando atendia ela, ajudou a deixar claro... pontos em que eu tinha que ouvir com mais clareza o que a paciente estava falando (...) esse é um exemplo que, eu acho que escrever, o momento da escrita foi importante para deixar claro

também, mais fácil para mim, como é que, como é que iria conduzir o caso”.

A escrita aparece como possibilidade de elaboração de algo vivido, elaboração esta que produz efeitos na condução da escuta. Não é tomada pelos estagiários como simples comunicação de algo já bem estabelecido, mas como um processo que permite àquele que é seu ator estabelecer novas possibilidades de compreensão acerca do fato que está tomando como objeto de sua reflexão. Desde essa abordagem do processo de escrita, podemos propor, com Piaget, que o mecanismo da abstração reflexionante é o que possibilita tal criação de novidades. Se tomamos ações materiais que se sucederam no espaço e no tempo e as lançamos a um patamar de elaboração mental, por obra do reflexionamento, tais ações, agora no campo da representatividade, serão passíveis de estabelecer novas relações, o que poderá exigir a reconfiguração do patamar que elas passaram a habitar, tendo assim, como consequência, a criação da novidade. “Se os elementos A, B e C podem permanecer os mesmos, do ponto de vista do observador, nem por isso suas conexões exigem menor quantidade de instrumentos diferentes e cada vez novos, quando se trata de reconstruí-los: a representação acrescenta uma certa simultaneidade, lá onde as ações permanecem sucessivas; a *narração supõe uma ordem ativamente reconstruída*, enquanto a ordem de sucessão das ações permanecia inconsciente, etc” (Piaget, 1977 :278 – grifo nosso).

Essa forma de tomar a escrita como algo que comporta em si o aparecimento do novo se faz presente, por exemplo, na elaboração de

um dos textos examinados em que, no início do trabalho de elaboração do texto, a estagiária toma um conceito, na articulação em que a teoria propõe, e coloca sobre ele uma dúvida, pelo menos em relação ao material clínico que está estudando. Pensa que, em relação ao caso que está trabalhando, ele não se explicita da forma como a teoria psicanalítica preconiza. Tal conceito, à medida que a elaboração do texto se processa, vai ganhando lugar de positividade, pois a construção mesma do escrito vai abrindo espaço a sua presença. Há algo de uma operatividade ligada ao texto, como se sua elaboração fosse retroagindo sobre ele mesmo e construindo espaços para outras elaborações. Algo como uma autonomia do texto.

Assim, podemos pensar a escrita como elaboração conceitual, como momento de reflexão que possibilita a construção do conhecimento. Conforme Piaget (1977),

o primeiro resultado das abstrações reflexionantes é, portanto, acarretar, seja a diferenciação de um esquema de coordenação para aplicá-lo de maneira nova, o que aumenta os poderes do sujeito, seja a 'objetivação' de um processo coordenador que se torna, então, objeto de representação ou de pensamento, o que aumenta os conhecimentos do sujeito, alargando o campo de sua consciência e enriquecendo, portanto, a sua conceitualização (idem: 278).

Assim, o processo de tematização de um fato, transformando-o em objeto de estudo, recortando-o em um de seus aspectos, diferenciando-o do conjunto de acontecimentos para tomá-lo como objeto do pensamento, por si só, contém a possibilidade de que esse fato seja enriquecido por

uma série de relações não antes presentes e que, assim, reconfigure as formas que o sujeito possui de conceber fatos de ordem semelhante. Ocorre como se um fato, tornado objeto do texto, fosse lançado enquanto conteúdo a um patamar superior do pensamento – reflexionamento – estabelecendo aí novas relações e, por isso, reconfigurando esse patamar – reflexão –, o que tem como consequência que aquilo que foi projetado como conteúdo se transforme em forma e permita uma nova maneira de tomar novos conteúdos – esse é o processo de tematização da experiência, do ponto de vista da cognição. “...cada nova reflexão supõe a formação de um patamar superior de ‘reflexionamento’, onde o que permanecia no patamar inferior, como instrumento a serviço do pensamento em seu processo, torna-se um objeto de pensamento e é, portanto, tematizado, em lugar de permanecer no estado instrumental ou de operação...” (Piaget, 1977: 275).

Nas palavras de outra estagiária entrevistada: “(...) ‘os casos não são bonitos, as pessoas fazem os casos ficarem bonitos’, tem um pouco disso, de certa forma a gente faz um ‘romance’, às vezes pode ser chato atender um paciente, no caso da Adriana as questões em si eram chatas, mas pensar o caso dela era muito legal e muito rico. (...) A escrita tem esse efeito também, sempre quando a gente pode falar de um caso surgem outras questões e idéias... com a escrita se pode também um pouco dialogar consigo ou com autores sobre o caso”. Essa fala traduz de forma explícita a criação de novas possibilidades de tomar o fato que a escrita acarreta. Ela transforma o fato, dá-lhe brilho, beleza, o que anteriormente não tinha. Nesse sentido, podemos, mais uma vez com Piaget, dizer que os fatos em si não têm valor algum. O que lhes pode conferir valor é a

capacidade, em um determinado momento, de o sujeito pôr em marcha o mecanismo da assimilação, o que é dado pelas construções cognitivas que esse realizou até o momento. É de acordo com sua capacidade assimilativa – sempre mutante, em construção contínua por obra das interações que se processam – que o sujeito apreenderá o fato, lançando-o, por reflexionamento, a um patamar da representatividade, transformando-o agora em objeto de seu estudo. Abre-se assim a possibilidade de que, a partir das relações que esse objeto estabeleça, ocorra uma reconfiguração, uma acomodação de dito patamar – reflexão – que permitirá que aquilo que aí ingressou como conteúdo adquira o estatuto de forma e permita novos reflexionamentos, novas visões sobre esse fato e outros. Desde aí podemos compreender por que, se ocorrerem em momentos diferentes, duas escritas que se elaborem sobre um mesmo fato poderão se apresentar de forma bastante diversa. Aliás, essa pontuação foi bastante recorrente na fala dos estagiários que revelavam seu incômodo de ter que apresentar seu trabalho final para os colegas muito tempo após tê-lo concluído, pois sentiam-se, muitas vezes, não mais pensando daquela forma e, por isso, experimentavam em certo estranhamento em relação ao texto que haviam escrito.

A transformação de um fato em objeto de reflexão traz como consequência o ingresso do fato e do sujeito em um espaço virtual onde se inscrevem possibilidades de relações que podem redundar em uma solução sempre nova e surpreendente para a problemática da escrita. Se, por um lado, se pode supor uma certa direção no processo de abstração reflexionante, não parece ser possível reter qual será efetivamente seu

resultado, pois este traz sempre a possibilidade do novo. Essa forma de conceber a abstração reflexionante parece ter algo de semelhante à proposição de Lévy (1996:18) acerca do fenômeno da virtualização: "Virtualizar uma entidade qualquer consiste em descobrir uma questão geral à qual ela se relaciona, em fazer mutar a entidade em direção a essa interrogação e em redefinir a atualidade de partida como resposta a uma questão particular". Assim, podemos dizer que a escrita, além de ser comunicação, é criação, é construção.

Pode se entrever, a partir dessas questões, o quanto desse processo de tematização da experiência resulta uma nova configuração cognitiva que permite situar a realidade de forma diversa, pois nem o sujeito nem o objeto são os mesmos daqueles que iniciaram a elaboração do texto.

Se até então nos concentramos nas conseqüências da tematização da experiência clínica para o sujeito cognitivo, pensemos agora no que se refere ao sujeito do desejo. Este, por sua vez, também faz incidir sobre o fato empírico uma operação de subjetivação, tomando-o como parte de algo em que está implicado, algo que tem a ver com sua história, que lhe concerne em sua dimensão de sujeito. É necessário então que o sujeito situe o fato como algo em que seu desejo está implicado. Nesse sentido, são abundantes as falas dos sujeitos que demonstram um alto grau de implicação com o fato que transformaram em objeto de seus textos. Há aí algo de comum a todos os sujeitos.

O sujeito que escreve aparece como um sujeito do desejo, que investe diferencialmente os fatos e que se vê implicado no que vive – um sujeito que suporta, na experiência clínica, uma relação transferencial que vem situá-lo em lugares que não guardam identidade com ele próprio. Um jovem terapeuta pode, por exemplo, ser investido da figura da mãe moribunda em seu leito de morte, mas ainda assim temida pela família, ou ainda do irmão pequeno, recém-nascido que veio lhe ocupar o lugar, encarnado aquilo que Freud (1905:113) demonstrou ser a vertente de reatualização de experiências passadas que a transferência comporta. Ou ainda, se pensarmos com Lacan³, pode ser tomado como aquele que deteria a chave para o inconsciente, aquele que finalmente poderia dominar o que aparece como efeito dessas forças que o sujeito não vê possível controlar, mas que o habitam.

Desde essa perspectiva de lugar de endereçamento de uma transferência já é pouco possível pensar em uma unidade, em uma substancialidade desse sujeito que se faz suporte da experiência clínica e que sobre ela irá escrever. É tomado nesse lugar de não-substancialidade que o sujeito dará origem à experiência da escrita, desdobrando a posição desde onde fala ao longo do texto em diferentes lugares de enunciação, lugares que se constroem também por efeito das transferências que suporta

³ “Lacan nos ensinou a levar em conta o fato de que, quando um paciente se dirige a um analista, já supõe nele um saber sobre o que busca em si mesmo. O analista é colocado de imediato em posição de ser aquele que sabe, chamado por Lacan de o grande Outro, o que nos lembra que não pode existir palavra proferida, nem mesmo pensamento elaborado, sem essa referência a um grande Outro, ao qual nos dirigimos implicitamente e que seria o aval de uma boa ordem” (Chemama, 1995, p.218).

e das que endereça. Pois, também ele endereça algo, seja à experiência mesma, onde vê atualizar algo que lhe concerne, seja ao leitor a quem dirigirá o texto, seja aos autores que evoca em sua elaboração, tentando, por fim, situar neles a resposta última às suas inquietações, àquilo que a experiência do inconsciente deixa como efeito: que não é possível saber tudo. O sujeito que escreve o faz como um sujeito do desejo.

Se há algo que marca uma diferença nos textos examinados é o fato de estes se referirem a uma experiência e, mais precisamente, à experiência de escuta. O objeto do texto não é oriundo de um cotidiano do qual os estagiários são meros espectadores. O fato que tematizam, tomando-o como objeto de seu texto, pertence a uma realidade que lhes concerne, na medida em que dessa realidade foram atores. Há uma implicação explícita dos estagiários na experiência que conduzem, bem como, uma tentativa de, pela escrita, dar forma a algo dessa experiência⁴ que lhes escapa. Nas palavras de um entrevistado: "não é o trabalho como algum outro poderia ser, de pesquisar o tema e resumir alguma coisa. Eu acho que qualquer trabalho que for fazer eu vou expressar ali o que eu entendi, o que eu pude colocar. Mas já nessa área, na área da psicanálise, já é um pouco diferente porque tem toda uma questão do que tu não entende." A

⁴ Vale referir que o termo experiência está sendo utilizado da forma como o entende a Epistemologia Genética, ou seja, como aquilo que não tem valor em si, mas que ocupa um lugar na medida das interações que o sujeito pode estabelecer, interações essas em estreita dependência do quadro reflexionante de que se dispõe em um dado momento. A alusão ao tempo tem sua importância, na medida em que as estruturas cognitivas não são imutáveis, mas estão em constante aprimoramento. Logo, que algo se constitua como uma possibilidade de experiência não diz que será vivido como tal, isso dependerá das construções prévias do sujeito.

escrita surge em torno do *que tu não entende* e não de algo compreendido e que se quer comunicar. É sobre algo que, desde a clínica, produziu no sujeito uma interrogação que ele irá escrever. A escrita se vê, então, atravessada por algo próprio disso que chamamos a experiência de escuta, dessa travessia a dois que não traz, na partida, a certeza do ponto de chegada, nem das condições em que se chegará, e que, portanto, produz surpresas, deixando o sujeito crivado de interrogações.

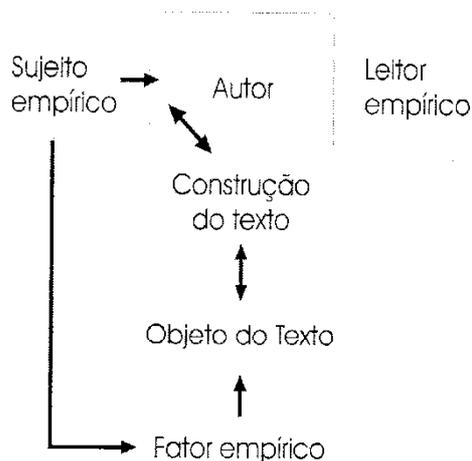
A escrita implica, então, o sujeito em seu aspecto desejante, fazendo com que esse, muitas vezes, se surpreenda por habitar um lugar que não imaginava fazê-lo. Nas palavras de um entrevistado: "Agora te digo porque eu fiz essa questão, porque isso me motivou a escrever: porque tem coisas minhas envolvidas aí. O que descobri de coisas minhas aí, depois que eu escrevi que é interessante". O sujeito se descobre, isso vale ser sublinhado. Não se trata de, através da escrita, revelar algo seu já conhecido, mas de descobrir-se em um lugar que poderia parecer estrangeiro, mas que percebe lhe dizer respeito. Mais uma vez nos encontramos com a escrita em sua vertente de criação, pois, ao pôr em marcha a escritura do texto o sujeito detona um processo que poderá redundar na criação, na descoberta, de um novo lugar possível de subjetivação.

Do até então proposto, poderíamos constituir a seguinte metáfora gráfica⁵, um tanto plana, bidimensional, é certo:

⁵ Esta metáfora gráfica revela parte do modelo construído na dissertação referida. Lá a metáfora contempla outros elementos e não se detém apenas no sujeito autor e no objeto do texto.

ESPAÇO VIRTUAL DE CONSTRUÇÃO DO TEXTO E DA AUTORIA

A RELAÇÃO SUJEITO AUTOR/OBJETO DO TEXTO



LEGENDA:

- Espaço virtual de elaboração do texto e de construção da função autor
- Operação de transferência do lado do sujeito do desejo, bem como de abstração reflexionante, do lado do sujeito cognitivo.

Com isso podemos dizer que o autor se constrói em um espaço virtual onde inscreve por obra de operações de transferência, do lado do sujeito do desejo, e de abstração reflexionante, do lado do sujeito cognitivo, o objeto de seu texto de forma a nele produzir marcas singulares, marcas estas que retornam sobre o próprio sujeito, constituindo-o em um lugar que guarda relação com a experiência de escrita que pode empreender. Assim, sujeito e objeto, em interação nesse processo de escrita, constroem-se

mutuamente, pois não são entidades acabadas que ganharão visibilidade no texto, mas sim, que se constituirão também a partir dele.

É desde esta visada que podemos pensar a escrita não como representação de mundos empíricos e/ou representacionais acabados, mas como invenção de novos mundos. Isso por que a própria representação é algo sempre mutante em contínua construção e para a qual a escrita contribuirá, criando novas possibilidades de laço com o fato, possibilidades que não existiam acabadas antes que o processo de escrita fosse colocado em marcha.

Referências bibliográficas

- CHEMAMA, R. (1995) *Dicionário de psicanálise*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- FREUD, S. (1974) Fragmento da análise de uma caso de histeria. In: *Ed Standart Brasileira da Obras Completas de Sigmund Freud*. 2ed. Rio de Janeiro: Imago.
- LÉVY, P. (1996) *O que é o virtual?* São Paulo: Editora 34.
- PIAGET, J. (1995) *Abstração reflexionante*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- RICKES, S. M. (1998) *Autoria e produção textual – um estudo sobre a escrita que tematiza a clínica*. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: FACED/UFRGS.